

UMA IMAGEM

OBSCENIDADES(1) DA IMAGEM

Eduardo Simonini Lopes



A fotografia apresentada aqui foi revelada na década de 1930. Ela transmite um exemplo típico do que Paulo Freire chamou de “educação bancária”, em que o professor se coloca em frente a seus alunos de uma maneira distante e superior. Ao envolver-me na fotografia, um conjunto de sensações me atravessam e montam configurações significativas, sendo quase possível, para mim, escutar o silêncio da sala, apenas cortado pelo som do relógio que se aproxima das sete horas da manhã. Passeando pela imagem, observo que os discentes se apresentam padronizados em um uniforme e aparentemente concentrados na tarefa a fazer, enquanto o professor vigia-os como uma autoridade disciplinadora a prevenir qualquer movimento que possa promover desarmonia na estética idealizada de educação ali ambicionada. Tudo está em ordem, como se o ambiente houvesse sido montado para produzir uma idéia de perfeição higienicista: carteiras proporcionalmente separadas, alunos quietos, professor ostentando a tranqüilidade que emerge da sensação de controle(2).

Tal imagem é, a meu ver, portadora de um modelo de assepsia que ainda sobrevive em muitas práticas de ensino-aprendizagem. Porém, tal modelo se encontra transubstancializado em outras modalidades de disciplinamento, tantas vezes sutis, que anseiam pela posse da “verdade” e do controle. Contudo, correndo o risco de pecar em generalizações, arrisco-me a dizer que todos os modelos assépticos nas vivências sociais são falsificações que negam a dinâmica da existência. Mesmo na proposta mais pura e ideal de vida e de educação há outras realidades invisibilizadas que se ramificam em diferentes significados. Vida envolve movimento,

encontros, fecundações e, por isso mesmo, há sempre algo obsceno – no sentido de ser “fora de cena” – que destitui qualquer pureza de sua imagética paralisante. Inclusive a fotografia aqui apresentada possui uma história “obscena” que se afasta da “higiene” que a imagem em um primeiro momento me transmitiu. O “professor” da foto em questão, que era o meu avô, nunca exerceu a profissão de professor. Ele era o sapateiro de uma instituição em Minas Gerais chamada de Patronato. A esta instituição eram encaminhadas crianças consideradas delinqüentes: crianças, portanto, distantes dos modelos comportados de alunos ali retratados. O sapateiro, que nada sabia sobre ministrar aulas, às vezes ficava incumbido de vigiar os alunos quando da hora dos estudos. Se há, pois, diferentes histórias e movimentos dentro de uma fotografia de 1930, também há outras vidas dentro das salas de aula que habitamos e que ganham consistência por meio de outros olhares, outras nuances e práticas que reinventam a imagem da escola, trazendo movimentos de surpresas que nos conduzem para novos caminhos interpretativos e repentinas “obscenidades” libertadoras de sentidos.

(1) A etimologia do adjetivo "obsceno" é obscura. Trata-se, possivelmente, de alguma modificação do vocábulo latino scena, que significa "fora de cena". Decorre, daí, que a palavra obscena viola as regras do teatro da vida, deixando vãos que devem ser buscados nos bastidores, posto que não são facilmente captados pelos sentidos. (SILVA, Paulo Bessa da – Linguagem Obscena).

(2) Como é o caso, por exemplo, do aumento exagerado do uso de medicamentos para hiperatividade, prescritos por médicos a crianças encaminhadas, em sua grande maioria, por escolas e ou professores.

Sobre o(a) autor(a):

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa/MG.